



Universidades Lusíada

Domeniconi, Camila
Gràcia, Marta
Benitez, Priscila
Vessoni, Julia

Adaptação da Escala de Avaliação do Ensino de Linguagem Oral em Contexto Escolar (EVALOE) para seu uso em contexto familiar (EVALOF)

<http://hdl.handle.net/11067/4600>
<https://doi.org/10.34628/61w3-b765>

Metadados

Data de Publicação

2017

Resumo

A Escala de Avaliação do Ensino de Linguagem Oral em Contexto Escolar (EVALOE) vem sendo utilizada por pesquisadores e profissionais para avaliar de que maneira a língua oral tem sido ensinada nas escolas e os seus itens tem sido utilizados como base para planejar processos de assessoramento, visando a ampliação do repertório comunicativo dos alunos. No presente trabalho descrevemos a adaptação da escala original para o contexto familiar, gerando dois formatos distintos da escala intitulada EVAL...

The assessment scale of oral language teaching (EVALOE - Escala de valoración de la enseñanza de la lengua oral en contexto escolar) was designed to assess the teaching of spoken language in Spanish schools and their items of the scale are used to conducted interventions, aimed to improve the communicative repertory of the students. In the present study, we described the adaptation of this scale, used in schools, to use in a familiar context. We constructed two different versions of the scale ti...

Palavras Chave

Crianças - Linguagem, Comunicação oral - Ensino e estudo

Tipo

article

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-IPCE] RPCA, v. 08, n. 1 (Janeiro-Junho 2017)

**ADAPTAÇÃO DA ESCALA DE AVALIAÇÃO DO ENSINO DE
LINGUAGEM ORAL EM CONTEXTO ESCOLAR (EVALOE)
PARA SEU USO EM CONTEXTO FAMILIAR (EVALOF)**

**ADAPTATION OF THE ASSESSMENT SCALE OF ORAL
LANGUAGE TEACHING IN SCHOOL FOR A FAMILIAR
CONTEXT**

Camila Domeniconi

Universidade Federal de São Carlos

Pesquisadora do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento

Marta Gràcia

Universitat de Barcelona

Priscila Benitez

Centro de Aprendizagem e Desenvolvimento

Julia Vessoni

Universidade Federal de São Carlos

Resumo: A Escala de Avaliação do Ensino de Linguagem Oral em Contexto Escolar (EVALOE) vem sendo utilizada por pesquisadores e profissionais para avaliar de que maneira a língua oral tem sido ensinada nas escolas e os seus itens tem sido utilizados como base para planejar processos de assessoramento, visando a ampliação do repertório comunicativo dos alunos. No presente trabalho descrevemos a adaptação da escala original para o contexto familiar, gerando dois formatos distintos da escala intitulada EVALOF, um deles curto e auto aplicado (com 11 itens) e outro mais amplo (32 itens) aplicado por um observador. A escala breve foi utilizada por 68 famílias e a escala ampla utilizada em 14 observações de famílias. Os dados mostram que as pontuações obtidas a partir da primeira versão da EVALOF foram baixas (< 59 pontos), o que também foi observado repetidamente nas escolas deixando claro que se pode melhorar a maneira como a língua oral vem sendo ensinada nas casas por famílias. Os resultados obtidos a partir da auto aplicação da versão breve da escala EVALOF mostraram que as famílias percebem mais a dificuldade no ensino de algumas estratégias comunicativas, especialmente quando o item versa sobre o ensino da auto avaliação e o ensino da síntese. As duas versões da escala EVALOF mostraram ser úteis para avaliação do contexto comunicativo nas residências e seus itens podem fazer parte de processos de assessoramento, visando a melhoria da competência comunicativa das crianças, assim como tem sido realizado com o instrumento original (EVALOE).

Palavras-chave: Ensino de língua oral, Instrumento avaliação, Processos de assessoramento, Famílias.

Abstract: The assessment scale of oral language teaching (EVALOE - *Escala de valoración de la enseñanza de la lengua oral en contexto escolar*) was designed to assess the teaching of spoken language in Spanish schools and their items of the scale are used to conducted interventions, aimed to improve the communicative repertory of the students. In the present study, we described the adaptation of this scale, used in schools, to use in a familiar context. We constructed two different versions of the scale titled as EVALOF, one short version and self- applied (with 11 items) and a long version (32 items) applied by a observer. The short version was used by 68 families and the long version was used in 14 observations of families. The results obtained with the short version of EVALOF showed that the families are more aware of the difficulty of teaching children to self evaluate their communicative behavior and teaching children to do the synthesis. The two versions of the scale EVALOF can be useful in process of assistance, aiming the improvement of communicative behavior of children, as done in schools, with teachers.

Keywords: Teaching of oral language, Assessment scale, Assistance process, families.

Introdução

Pais e educadores têm um papel fundamental em programas que visam melhorias na linguagem, redução de riscos para problemas de aprendizagem, ampliação do vocabulário, aquisição de leitura e comportamento de estudo, entre outros alvos (por exemplo, Benitez & Domeniconi, 2012, 2014; Gortmaker, McCurdy, Persampieri, & Hergenrader, 2007; Gràcia, 2001; Gurgueira & Cortegoso, 2008; Hancock & Kaiser, 2002; Hart & Risley, 1974, 1980; Vilaseca & Del Rio, 2004).

As intervenções que foram nos últimos 30 anos conhecidas como naturalistas partem do pressuposto de que o uso dos contextos funcionais e naturais das crianças pode ser muito mais efetivo, para a aprendizagem de linguagem, devido aos contextos conversacionais, uso de reforçadores funcionais e ênfase em seguir os focos de interesse da criança (Ato, Galián, & Cabello, 2009; Warren, & Kaiser, 1986). No Brasil, além dos dados da efetividade dos procedimentos naturalistas, ainda se pode considerar o alto custo das intervenções como um fator que impacta negativamente sobre o acesso às possibilidades de atendimento clínico individualizado.

Apesar das vantagens do uso de intervenções naturalísticas, pesquisas que se dedicam a estudar a aquisição da linguagem em contextos naturais podem ter limitações, quanto ao estabelecimento de relações causais entre os ganhos observados nas crianças e a intervenção aplicada por pais ou por educadores, o que gera a necessidade de mais estudos que sigam o rigor metodológico, com delineamentos experimentais robustos e o uso de instrumentos que permitam mensurar com clareza os desempenhos envolvidos (Girolametto & Weitman, 2008).

Com o objetivo de construir uma ferramenta flexível que pudesse avaliar as habilidades e estratégias de ensino de habilidades orais utilizadas por professores em salas de aula, permitindo a obtenção de uma medida operacional para avaliar, por exemplo, os resultados da atuação diferenciada de professores sobre a habilidade comunicativa dos alunos, Gràcia, Vega e Galván-Bovaira (2015) desenvolveram uma escala intitulada Escala de Avaliação da Língua Oral em Contexto Escolar (EVALOE). A escala tem duas partes, a primeira delas é uma medida observacional de 30 itens, que avalia a interação comunicativa entre alunos e professores em três dimensões: (1) Contexto e gestão da comunicação oral; (2) Desenho instrucional; e (3) Estratégias comunicativas. Com o uso dessa ferramenta os autores esperam avaliar e assessorar os educadores, de modo a permitir que eles identifiquem facilmente as mudanças necessárias para ajudar os alunos a desenvolver habilidades importantes de falar e escutar.

Segundo os autores (Gràcia et al., 2015), apesar de existirem diversos instrumentos que se propõem a avaliar a interação entre professores e alunos em sala de aula, nenhum deles é especificamente sensível a alguns aspectos que são fundamentais para que ocorra o desenvolvimento da linguagem oral. A EVALOE

foi construída para ser utilizada no contexto da escolar regular espanhola, mas já foi traduzida e adaptada para o uso na escola especial e para o uso na escola brasileira, tendo se mostrado válida e útil em ambos os contextos (Gràcia, Benitez, Vega, & Domeniconi, 2015).

Não se tem dúvidas que a aquisição da linguagem é fortemente influenciada pelo ambiente e que esta aquisição é fundamental para o desenvolvimento posterior do indivíduo. Sabe-se, ainda, que alguns estilos de interação entre adultos e crianças são mais propensos a promover aquisição da linguagem (por exemplo, Levickis, Reilly, Girolametto, Ukoumunne, & Wake, 2014). A família e a escola, juntas, participam ativamente como os principais responsáveis pelo acompanhamento e disposição de contingências capazes de promover habilidades linguísticas nas crianças.

Tendo em vista o potencial das famílias e do contexto doméstico natural para a promoção da linguagem oral das crianças e a necessidade de instrumentos que permitam medidas operacionais para avaliação das estratégias utilizadas em contexto natural, o presente trabalho se baseia na apresentação dos primeiros resultados da adaptação da escala EVALOE (Gràcia, et. al., 2015), para o contexto doméstico. A escala para avaliação do ensino da língua oral nas escolas (EVALOE), foi adaptada para o contexto doméstico, em duas versões, uma delas, com 32 itens, a ser utilizada por um observador externo, que seguiu os mesmo parâmetros da escala original, utilizada na escola. Uma versão mais simples com 11 itens foi construída com intuito de ser uma primeira avaliação do ensino das habilidades de linguagem oral em casa, prevista para ser autoaplicada por um membro da família, enquanto observa a interação natural no ambiente doméstico. As duas versões foram intituladas EVALOF (Escala de avaliação do ensino da língua oral no contexto familiar; Domeniconi & Gràcia, 2016). A adaptação e o uso das duas versões da escala EVALOF tem como objetivos os mesmos que vem sendo atingidos com o uso da escala EVALOE no contexto escolar, ou seja, a construção e uso de uma ferramenta flexível e que permita a observação e uma forma de mensuração operacional das interações comunicativas no contexto doméstico, visando a possibilidade de que seus itens sejam utilizados como base para processos de assessoramento, visando a promoção de melhoria na habilidade comunicativa dos membros da família e consequentemente das habilidades linguísticas das crianças.

Metodologia

Participantes

Participaram do processo de adaptação dos itens da EVALOF, na versão ampla, sete famílias brasileiras, sendo que três delas eram famílias de meninas,

com idades entre dois e oito anos, com desenvolvimento típico e quatro famílias de meninos, entre três e sete anos, sendo todos eles diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Para a construção da escala breve e autoaplicada participaram 98 famílias brasileiras, com filhos de ambos os sexos e com idades que variaram entre zero e mais de dezoito anos (as Tabelas 4 e 5 na seção de resultados apresentam mais detalhes sobre a caracterização destes dois grupos de famílias que responderam aos itens da EVALOF).

Instrumentos

Os principais materiais descritos nesta seção são as duas versões da escala EVALOF, uma versão ampla e uma versão breve e autoaplicada. A versão ampla foi aplicada pelo observador (integrante da equipe), na situação domiciliar, em conjunto com um membro da família e a criança, em uma situação de brincadeira entre pais e filhos.

EVALOF – versão completa

A versão final ampla da escala EVALOF foi constituída por 32 itens divididos em duas subescalas: 1) Contexto e gestão da comunicação (12 itens); e 2) Funções comunicativas e estratégias (20 itens). A construção da primeira versão da escala se deu a partir de uma adaptação livre da escala original (EVALOE), para situações domésticas, e dos termos que se referem a professor e aluno na escala original, para adulto e criança na escala adaptada. Cada um dos itens pode ser avaliado pelo observador em um contínuo de quatro dimensões quantitativas: 0 - não se aplica (essa opção deve ser registrada quando, por alguma razão, o item não pôde ser observado por ele na condição em que está. Quando é feita a escolha desta opção, é pedido ao observador que regida uma breve justificativa de porque não se pôde observar o item); 1 - não se observa o item; 2 - se observa o item algumas vezes; 3 - se observa o item sistematicamente ou quase sempre.

A Tabela 1 contém um exemplo de um item da subescala 1 (Contexto e gestão da comunicação) e de um item da subescala 2 (Funções comunicativas e estratégias). A escala é acompanhada de um glossário com todos os itens organizados em função de ordem em que são aplicados, com definição de cada um deles, acompanhado de um exemplo prático de uma situação onde ele pode ser observado.

Tabela 1 - Exemplos de itens de cada uma das subescalas da EVALOF – versão ampla.

CONTEXTO E GESTÃO DA COMUNICAÇÃO
1. Durante a atividade, o adulto se posiciona e posiciona o ambiente de forma a se adaptar em função das características das atividades a ser realizada pela criança: <ul style="list-style-type: none">0. O item não corresponde a algo que pode ser observado no momento1. A disposição do Adulto e do ambiente não se adapta2. A disposição do Adulto e do ambiente se adapta algumas vezes ou parcialmente3. A disposição Adulto e do ambiente se adapta de maneira sistemática

FUNÇÕES COMUNICATIVAS E ESTRATÉGIAS
1. O adulto aproveita a atividade em curso para trabalhar aspectos da língua oral com a (s) criança (s): <ul style="list-style-type: none">0. O item não corresponde a algo que pode ser observado no momento1. O adulto não aproveita a atividade em curso para trabalhar aspectos da língua oral2. O adulto aproveita parcialmente a atividade em curso para trabalhar aspectos da língua oral3. O adulto aproveita sistematicamente a atividade em curso para trabalhar aspectos da língua oral

EVALOF – versão breve e autoaplicada

A versão breve e autoaplicada da escala EVALOF foi constituída por 11 itens que tem como objetivo avaliar desde o ambiente físico da casa (se facilita as interações comunicativas), a oportunidade que os adultos criam para que as crianças possam se comunicar e a qualidade da conversação, ou seja, o esforço ou as estratégias que os adultos usam para melhorar a capacidade comunicativa das crianças (se os adultos prolongam os episódios comunicativos, se clarificam o que as crianças dizem, se ensinam as crianças a sintetizar ou tirar conclusões, entre outras estratégias). Cada um dos itens pode ser avaliado pelo observador em um contínuo de quatro dimensões quantitativas, as mesmas utilizadas na escala EVALOF – ampla.

A Tabela 2 apresenta cada um dos itens que foram escolhidos para constituir a escala breve e autoaplicada.

Tabela 2 - Itens apresentados para os participantes que responderam a EVALOF breve e autoaplicada.

1. O ambiente físico da casa parece favorecer a interação comunicativa? (Procure pensar nas interações que as crianças possam participar e leve em conta, por exemplo, barulhos, aparatos tecnológicos, etc)
2. Os adultos procuram tentar aproveitar atividades da rotina ou criar atividades que favoreçam que as crianças se comuniquem?
3. Quando existem conversas em curso na casa, os adultos possibilitam que as crianças participem? (É dado um tempo de espera, por exemplo, para que elas tomem vez na conversa ou os adultos a convidam a participar?)

4. Os adultos são responsivos às interações comunicativas iniciadas pela criança? (Observe se o adulto olha para ela quando fala, ou se emite respostas verbais que demonstrem que a escuta ou mesmo se responde diretamente as suas perguntas)
5. Os adultos se referem explicitamente às normas de comunicação que regulam os episódios comunicativos? (Por exemplo, se os pais falam para cada um falar na sua vez, usar um tom de voz adequado, etc)
6. Os adultos ajustam a linguagem para facilitar a comunicação com as crianças? (Observe, por exemplo, se os adultos usam frases curtas e simples, conteúdos adequados para a idade da criança, se falam com entonação correta, etc)
7. Os adultos parecem prolongar as sequências de conversação com as crianças?
8. Os adultos procuram clarificar ou pedem que as crianças repitam o que disseram com finalidade de ampliar a compreensão do que foi dito?
9. Os adultos ensinam as crianças a sintetizar ou tirar conclusões sobre o que disseram ou sobre algum assunto em particular?
10. Os adultos emitem avaliações positivas do desempenho comunicativo das crianças? (Por exemplo, dizem que ela se saiu bem em esperar sua vez para falar ou em cumprimentar as visitas)
11. Os adultos ensinam as crianças a auto avaliar o seu desempenho comunicativo? (Por exemplo, perguntam a ela se acha que melhorou seu desempenho ao fala uma palavra de difícil pronuncia)

Em um segundo momento da escala breve e autoaplicada, os participantes foram convidados a responder a três itens de múltipla escolha e a três perguntas dissertativas, com objetivo de verificar como eles avaliaram a escala. Os itens de múltipla escolha estão dispostos na Tabela 3, tal como foram apresentados aos participantes. Antes de chegarem a tela do computador com os tres itens, os participantes leram a seguinte instrução: *“Sobre esta escala que você acaba de responder, por favor avalie o que você achou dela. Para cada item, escolha uma das alternativas, sendo o 0 o valor mais baixo (NADA), 1 indicando que você considera um pouco, 2 como quase tudo e 3 como o valor mais alto (MUITO).”*

Tabela 3 - Segundo momento da escala EVALOF breve e autoaplicada, para avaliação da escala.

	0	1	2	3
1. Acredita que os itens estão compreensíveis? (Que se pode entender o que está sendo perguntado?)				
2. Acredita que os itens são úteis para uma primeira avaliação simples de como ocorrem as interações comunicativas na família?				
3. Os itens são simples de serem observados nas atividades rotineiras da família?				

As três questões dissertativas que foram feitas aos participantes foram as seguintes:

1. Você retiraria algum dos itens que foi perguntado? Se sim, qual(is)?;
2. Você acrescentaria algum item que não estava nesta escala?;
3. Você teria alguma outra sugestão para as pessoas que estão trabalhando no desenvolvimento dessa escala?

Procedimento

O procedimento foi descrito em dois tópicos, de acordo com as duas versões supracitadas da EVALOF.

EVALOF - versão completa

A aplicação da escala teve início a partir de um convite feito às famílias que já participavam de projetos de pesquisa aplicadas com alguma das pesquisadoras da equipe (que atuaram como observadoras). Foi explicado para a família que a escala consistia em uma proposta de avaliação de como se ensina e se aprende a língua oral no contexto familiar e que os itens poderiam servir como base para discussões e reflexões futuras sobre como se pode melhorar este ensino em casa. Foi solicitado para a família autorização para observar um momento natural de sua rotina, por um intervalo aproximado de 30 minutos. A observadora (que neste momento foi uma das pesquisadoras da equipe) se posicionava em um local que permitisse a visualização da atividade em curso, com o mínimo de intromissão possível. Logo após o término do período de observação, eram registrados na escala os valores atribuídos a cada um dos itens e os comentários, quando necessários. Os comentários e os valores atribuídos por cada um dos observadores em cada uma das sete famílias foram utilizados como base para discussões entre a equipe e alterações no instrumento.

As principais alterações, quando comparadas a versão inicial e a final, versaram sobre o número de itens (a primeira versão era constituída por 30 itens, divididos em três subescalas), a redação dos mesmos e a inserção do ponto zero (0) na escala, como um ponto que indica que o observador considera que aquele item não pode ser observado no momento. Após as alterações no instrumento houve um novo período de observação com as mesmas famílias e observadores e a redação da versão final da escala.

Em suma, o procedimento para adaptação da EVALOF- ampla foi dividido em cinco fases, a destacar: 1. adaptação livre dos itens, do contexto escolar para o acadêmico, pelas pesquisadoras, com os devidos ajustes nos termos importantes para o entendimento e uso da escala. Foram retirados itens que se referiam exclusivamente ao contexto escolar e inseridos outros itens

que são próprios da interação doméstica; 2. realização de sete observações em contexto familiar; 3. discussões entre os especialistas e observadores e introdução de ajustes necessários; 4. nova utilização da escala, pelos mesmos observadores, com as mesmas famílias; 5. análise dos dados. Posteriormente à adaptação da escala EVALOF ampla e das primeiras tentativas de uso da mesma em contexto doméstico, foi considerada a possibilidade de que uma versão breve e auto aplicada da escala poderia apresentar vantagens, no que concerne principalmente à manutenção do ambiente o mais natural possível ao que as famílias vivenciam em seu cotidiano, sem a necessidade da presença de um observador externo. A necessidade de resumir a escala para seu uso auto aplicado deriva da ideia de facilitar o uso e a compreensão dos itens envolvidos na análise da interação comunicativa em casa.

EVALOF – versão breve e autoaplicada

Para a construção da escala EVALOF-autoaplicada, foi seguido o seguinte procedimento: 1. Discussões entre pesquisadores com objetivo de escolher e redigir, dentre os itens da escala ampla, aqueles que poderiam ser considerados como mínimos para o ensino da língua oral em casa, visando escolher condutas facilmente observáveis e prioritárias em processos de assessoramento. Tendo em vista a proposta de uma escala auto aplicada, procurou-se limitar os itens aos que poderiam ser mais facilmente compreendidos e exemplificados, possibilitando o uso por qualquer pessoa interessada, independente de formação prévia; 2. Uso da escala por cinco famílias que participavam em processos de assessoramento; 3. Ajustes necessários para o entendimento dos itens pelas famílias; 4. Convite feito on-line para 100 famílias brasileiras, via redes sociais, pela quarta autora do presente trabalho; 5. Análise dos dados.

Resultados

Os resultados foram apresentados em duas seções, primeiro aqueles referentes à versão ampla e na sequência, aqueles concernentes à versão breve e autoaplicada.

EVALOF – versão ampla

Na Tabela 4 estão representados os principais resultados obtidos em cada uma das aplicações da escala EVALOF-ampla, com as sete famílias participantes.

Tabela 4 - Principais resultados obtidos com duas aplicações da EVALOF ampla¹

Características da criança	Atividade em curso	Pontuação total	Sugestões ou comentários do observador
PRIMEIRA APLICAÇÃO - VERSÃO INICIAL DA ESCALA			
F1 8 anos, menina, DT	Interação na sala	50 (90)	Maior facilidade em observar, a depender da atividade em curso.
F2 7 anos, menino, TEA	Estruturadas (tarefas de discriminação condicional na mesa)	58 (90)	Rever subescala ² (desenho instrucional): nem toda interação observada em casa há essa explicitação de objetivos de aprendizagem de língua oral. Introduzir opção de que o item as vezes não se aplica.
F3 2 anos, menina, DT	Recebendo as visitas	53 (90)	1. Idade da criança - implica em itens que a criança "certamente não fará". 2. Perguntas do desenho instrucional parecem pouco naturais ao contexto doméstico.
F4 5 e 6 anos, meninas, DT	Brincadeira livre no jardim	53 (90)	Várias sugestões de melhoria da definição dos itens (glossário).
F5 3 anos, menino, TEA	Brincadeira livre com pai e mãe	54 (90)	Itens que não se aplicam.
F6 4 anos, menino, TEA	Brincadeira estruturada com a mãe	53 (90)	Itens que não se aplicam e proposta de melhoria na definição dos itens (glossário).
F7 5 anos, menino, TEA	Brincadeira livre com a mãe	40 (90)	Itens que não se aplicam.
SEGUNDA APLICAÇÃO - VERSÃO FINAL DA ESCALA			
F1 8 anos, menina, DT	Lego com a mãe	57 (93)	Todos os itens se aplicaram.
F2 7 anos, menino, TEA	DVD com os pais	53 (93)	Alguns itens não se aplicaram, depende da atividade.
F3 2 anos, menina, DT	Massinha com os pais	56 (93)	6 itens escolhidos como zero, depende da idade
F4 5 e 6 anos, meninas, DT	Brincadeira livre	58 (93)	Todos os itens se aplicaram.
F5 3 anos, menino, TEA	Brincadeira de lanche com o irmão	40 (93)	Dúvida quanto à idade de aplicação
F6 4 anos, menino, TEA	Atividades estruturadas	58 (93)	2 itens registrados com o zero.
F7 5 anos, menino, TEA	Interação com a mãe e o cachorro	36 (93)	2 itens registrados com zero, dúvida sobre item 16

¹ DT: desenvolvimento típico.² TEA: Transtorno do Espectro Autista.

De acordo com o descrito na Tabela 2, na primeira aplicação da escala, várias sugestões foram fornecidas pelos observadores e várias delas tinham como conteúdo a aplicação da subescala 2 – Desenho instrucional ao contexto doméstico. Esta escala continha itens que pareciam remeter com mais facilidade ao contexto escolar. Alguns itens foram reescritos e inseridos nas subescalas sobre Gestão da comunicação ou Função e estratégias e outros itens foram retirados, assim como a subescala relacionada ao desenho instrucional. Várias sugestões remetiam à ideia de que alguns itens da escala não se aplicam a depender da idade da criança ou da atividade em curso. Por esta razão, foi inserida, em cada item, a opção do observador registrar o item como zero (0 – não se aplica), com o pedido de que ele justificasse quando fizesse o registro dessa maneira, para que se possa entender em que condições os itens eram ou não aplicáveis. Além disso, o glossário que acompanha a escala foi profundamente alterado, com a inserção de novos exemplos, típicos da situação domiciliar, e nova organização na forma de apresentação.

Na segunda aplicação, com a versão final da escala, todos os observadores comentaram que tiveram maior facilidade para utilizá-la e acharam a escala mais simplificada. É importante considerar que além das alterações realizadas existe um claro efeito de familiarização dos observadores com a escala, sendo ela utilizada por uma segunda vez. De toda maneira, não foram muitos os itens registrados como zero, e permanecendo dúvida de dois observadores apenas com um dos itens da escala.

Como tendência geral o que se pode observar dos resultados é que em uma variedade de contextos de atividade, idade, sexo das crianças envolvidas e desenvolvimento típico ou atípico das mesmas, os resultados foram inferiores a 58, dentre 93 pontos possíveis, o que pode ser considerado como uma pontuação baixa, de acordo com a validação do instrumento original (EVALOE), feita para o contexto escolar. Também se pode observar que em três das quatro vezes em que foram obtidas pontuações um pouco mais altas (58 pontos), a situação observada era uma situação estruturada, onde os adultos presentes estavam a propósito tentando ajudar a criança com sua linguagem, de acordo com instruções recebidas previamente pelos psicólogos implicados na intervenção com as crianças.

EVALOF – breve e autoaplicada

Os resultados de aplicação da escala EVALOF breve e autoaplicada estão resumidos na Tabela 5. Nesta aplicação, as famílias pontuaram a interação comunicativa que observaram em suas casas com valores que podem ser considerados altos (em média 25,7 a 26,7, dentre 33 pontos totais). Não foi observada qualquer diferença importante nos resultados, ao comparar os grupos com filhos de diferentes idades (desde filhos entre zero e cinco anos, até filhos bastante adultos). Chama a atenção ainda que em todos os grupos de respondentes, o item menos pontuado foi o mesmo (item 11), que se refere a

como os adultos avaliam que ensinam seus filhos a autoavaliar o seu desempenho comunicativo. O item com maior valor também foi o mesmo em três dos quatro grupos (item 4, que se refere à responsividade dos adultos). O grupo com filhos maiores apontou com maior valor o item 6 (indicando que fazem com frequência ajustes da linguagem para falar com seus filhos).

Tabela 5 - Resumo dos principais resultados obtidos com a versão breve da EVALOF breve e autoaplicada, de acordo com a idade dos filhos dos respondentes. As idades estão agrupadas em quatro intervalos (de 0 a 5 anos, 6 a 12 anos, 13 a 18 anos e filhos maiores de 18 anos).

Participantes (Idade dos filhos)	0 a 5	6 a 12	13 a 18	18 e +
Número de respostas*	37	29	15	38
Idade média dos respondentes (mínimo e máximo)	32 (22 a 41)	36 (25 a 50)	43 (30 a 55)	52 (37 a 69)
Gênero predominante	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino
Média de pontos obtidos (máximo 33)	26,7	26,7	25,8	25,7
Item com maior pontuação	Item 4	Item 4	Item 4	Item 6
Item com menor pontuação	Item 11	Item 11	Item 11	Item 11

* número de respostas de participantes com filhos em cada um dos intervalos. Foram considerados por exemplo duas vezes participantes com dois filhos, em intervalos diferentes (por exemplo, 1 filho com 2 anos e outro com 10 anos).

A Tabela 6 contém os resultados da avaliação que os respondentes fizeram da escala que utilizaram. Os primeiros três itens da Tabela foram respondidos em uma escala de 0 (nada) a 3 (muito). A porcentagem foi calculada a partir do máximo possível em cada um dos grupos de respondentes.

Tabela 6 - Como os respondentes avaliaram a escala, em relação aos cinco itens que foram questionados

Grupos (Idade dos filhos)	0 a 5	6 a 12	13 a 18	18 e +
1. Acredita que os itens estão compreensíveis? (Que se pode entender o que está sendo perguntado?)	79,2%	81,6%	88,9%	78,9%
2. Acredita que os itens são úteis para uma primeira avaliação simples de como ocorrem as interações comunicativas na família?	80,2%	82,7%	95,5%	86%
3. Os itens são simples de serem observados nas atividades rotineiras da família?	82%	89,6%	91,1%	82,4%
4. Você retiraria algum dos itens que foi perguntado? Se sim, qual (is)?	Não	Não	Não	Não
5. Você acrescentaria algum item que não estava nesta escala?	5 sugestões	1 sugestão	1 sugestão	1 sugestão

Em geral a escala foi bastante bem avaliada por eles, (pontuações entre 78,9 e 95,5, de um total de X, nos três itens de múltipla escolha) tanto no que se refere à simplicidade, facilidade e utilidade do uso da escala no contexto doméstico. Nenhum dos respondentes sugeriu retirar nenhum dos 11 itens e alguns deles fizeram sugestões de acréscimo, como inserção de perguntas sobre o uso da mídia nas residências, o uso abusivo do celular por pais de crianças pequenas, como recurso lúdico ou de distração, se os pais procuram abaixar-se para estar ao nível das crianças, sobre o parentesco das pessoas que respondem e o tempo diário que permanecem em casa com seus filhos. Dois respondentes sugeriram ser uma escala mais específica para filhos ainda crianças, um deles comenta que a autoaplicação pode ser uma dificuldade.

Discussão

Tendo em vista o potencial no contexto familiar para promoção de melhorias na linguagem oral de crianças e a necessidade de procedimentos que ajudem a compreender e intervir sobre as interações comunicativas, de modo operacionalizado e ao mesmo tempo simples, o presente estudo apresentou dados iniciais de adaptação de uma escala para avaliar o ensino da linguagem oral por famílias, em duas versões: uma versão mais ampla a ser utilizada por qualquer observador externo à situação, e uma versão mais resumida a ser utilizada de maneira autoaplicada por cada uma das famílias. É importante retomar que a presente escala, foi adaptada a partir da escala EVALOE (Gràcia, et.al., 2015), utilizada em contexto escolar.

Os resultados indicaram que o uso da escala ampla mostrou consistências entre diferentes observadores e com diferentes perfis de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, sendo a maioria das pontuações baixas, coincidindo com os resultados encontrados com o uso da escala EVALOE nas escolas (Gràcia et al., 2015) e indicando a possibilidade de melhorias na maneira como famílias e professores ensinam a língua oral em suas rotinas de interação com as crianças.

A presente versão do instrumento utilizada ainda carece de validação e estudos posteriores serão realizados com vistas a ampliar o numero de observações feitas para um numero que permita que a validação possa ocorrer. Análises por juízes, que auxiliarão no trabalho de validação do conteúdo, encontram-se em andamento.

A autoaplicação da versão resumida da escala EVALOF por um numero grande de famílias (n=100) levou a obtenção de dados que nos permitem discutir aspectos interessantes próprios da autoaplicação de instrumentos, assim como das particularidades dos aspectos avaliados pela EVALOF. A ideia que subjaz

a construção de um instrumento resumido para ser autoaplicado por famílias é a possibilidade de interferir o mínimo possível no contexto natural de rotina das famílias. Ao solicitar para um membro da família (a mãe, em mais de 90% dos respondentes) que observe a sua família e responda, além de não haver a intervenção de qualquer pessoa estranha para a rotina - o que é uma variável importante em intervenções naturalísticas - já se espera a possibilidade de que a própria reflexão do adulto sobre uma realidade de sua família o auxilie a fazer pequenas e significativas alterações que possam promover melhorias. A situação natural de aplicação da escala, em contexto domiciliar, pode contribuir com a autorreflexão pelos pais, oriunda do próprio preenchimento da escala, assim como pode favorecer a replicação de estudos anteriores que defendem a importância das intervenções naturalísticas para a aprendizagem da linguagem (Ato et al., 2009; Warren, & Kaiser, 1986), além de criar oportunidade para sistematização de estudos futuros, de modo a mensurar as variáveis dependentes presentes na situação (Girolametto & Weitman, 2008)

Sendo assim, a construção da escala neste formato tem essa dupla vantagem: permite uma avaliação do contexto natural, sem nenhum tipo de interferência e a possibilidade de início de um processo de reflexão no interior da própria família. Além dos aspectos positivos citados, acredita-se que o baixo custo da aplicação e a possibilidade de se fazer um *screening* rápido da situação natural das interações comunicativas de muitas famílias em um curto espaço de tempo podem ser aspectos interessantes a serem considerados no princípio de intervenções em comunidades ou escolas, por exemplo. Nesse contexto, a aplicação desse tipo de escala pode ajudar na compreensão acerca das interações comunicativas presentes na situação natural, pelos próprios pais, além de servir como uma estratégia favorecedora para a operacionalização sobre como os pais podem contribuir de maneira efetiva com o desenvolvimento da linguagem dos seus filhos, em termos de aquisição e ampliação de vocabulário, o que permite reafirmar sobre a relevância do papel dos pais na interação com os seus filhos, de modo a beneficiar tal desenvolvimento e replicar os achados de estudos anteriores (Gràcia, 2001; Hancock & Kaiser, 2002; Vilaseca & Del Rio, 2004).

Os pontos críticos deste formato de avaliação são evidentes e inerentes a todos os instrumentos com características similares de autoaplicação, ou seja, a possibilidade de que os respondentes não estejam compreendendo os itens perguntados ou estejam respondendo de acordo com o que é mais aceito pela comunidade a qual pertencem. Para minimizar a possibilidade deste último efeito, as respostas foram solicitadas pela internet sem nenhum tipo de identificação, resultando que as pessoas estavam em uma situação confortável para tentar responder de maneira independente do que pode ser mais aceito ou considerado correto. Sobre a possibilidade de que não tenham compreendido os itens, as respostas da maioria às perguntas sobre a escala indicam que viram os

itens como simples, compreensíveis e úteis, indicando que esta pode não ter sido uma variável interveniente neste caso. Ainda assim, estudos futuros podem ser conduzidos, com o acréscimo de mais exemplos em cada um dos itens, buscando garantir a compreensão.

Uma sugestão para estudos futuros seria comparar os desempenhos de uma mesma família exposta à avaliação por um observador com a aplicação da versão mais ampla, em contraste com a versão autoaplicada pelos pais. Os resultados dessa aplicação poderiam servir como norte inicial para futuros assessoramentos, em conjunto com os pais, em suas respectivas residências.

Uma variável a ser considerada para futuras replicações é a amostra que participou da autoaplicação do EVALOF. Como a coleta dos dados foi conduzida por uma estudante universitária (quarta autora do presente trabalho), e o convite feito via rede social de outros estudantes é provável que a amostra tenha sido composta por famílias com nível de escolaridade bastante superior à média brasileira, o que pode ser um viés tanto para compreensão dos itens, quanto para os altos índices encontrados na avaliação das interações comunicativas. Estudos futuros serão conduzidos com objetivo de abarcar amostras distintas da população, além de inserir um item que pede para o respondente dizer a sua escolaridade, item este que estava ausente nesta primeira aplicação.

Referências

- Ato Lozano, E., Galián Conesa, M. D. & Cabello Luque, F. (2009). Intervención familiar en niños con trastornos del lenguaje: Una revisión.. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, 7(19) 1419-1448.
- Benitez, P., & Domeniconi, C. (2012). Verbalizações de familiares durante aprendizagem de leitura e escrita por deficientes intelectuais. *Estudos de Psicologia*, 29(4), 553-562.
- Benitez, P., & Domeniconi, C. (2014). Capacitação De Agentes educacionais: proposta de desenvolvimento de estratégias inclusivas. *Revista Brasileira de Educação Especial*. , v.20, p.371 - 386.
- Domeniconi, C. & Gracia, M.G. (2016). Escala de Valoración de la Enseñanza de la Lengua Oral en Contexto Familiar (EVALOF). Não publicada. Relatório de Pesquisa, processo FAPESP, processo 2015-21335-6 .
- Girolametto, L. & Weitzman, E. 2008. Working with families of young children with communication and language impairments: intervention. In: Pappas, & McLeod (eds). Working with families in speech-language pathology. San Diego: Plural Publishing. 131-170.
- Gortmaker, V. J., Daly, E. J., McCurdy, M., Persampieri, M. J., & Hergenrader, M. (2007). Improving reading outcomes for children with learning disabilities:

- using brief experimental analysis to develop parent tutoring interventions. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 40, 203-221.
- Gràcia, M. (2002). Comunicación y lenguaje en primeras edades: Intervención con familias. Barcelona: Editorial Milenio.
- Gràcia, M. (2001). Intervención naturalista en la comunicación y el lenguaje en ámbito familiar: un estudio de cuatro casos. *Infancia y Aprendizaje*, 24, 307-324.
- Gràcia, M., Benítez, P., Vega, F., Domeniconi, C. (2015). Escala de Valoración de la enseñanza del Lenguaje Oral en contexto Escolar (EVALOE): adaptación para su uso en educación especial. *Revista de Logopedia, Foniatría y Audiología*, 35,84- 94.
- Gràcia, M. & Del Rio, M. J. (1998). Intervención naturalista en la comunicación y el lenguaje para familias de niños pequeños. *Revista de Logopedia, Foniatría y Audiología*, 78, 19-30.
- Gràcia, M. (coord.), Galván-Bovaira, M.J., Sánchez-Cano, M., Vega, F., Vilaseca, R., Rivero, M. (2015). *Evaluación de la enseñanza de la lengua oral. Escala EVALOE*. Barcelona: Graó.
- Gràcia, M., Vega, F. y Galván-Bovaira, M. J. (2015). Developing and testing EVALOE: a tool for assessing spoken language teaching and learning in the classroom. *Child Language Teaching and Therapy*, 31 (3), 287-304
- Gurgueira, L. H., & Cortegoso, A. L. (2008). Avaliação de um programa de ensino para capacitar mães como agentes favorecedoras do estudar. *Psicologia da Educação*, 27(1), 5-30.
- Hancock, T.B., & Kaiser, A.P. (2002) The effects of trainer-implemented enhanced milieu teaching on the social communication of children who have autism. *Topics in Early Childhood Special Education*. 22(1):39-54.
- Hart, B., & Risley, T. (1980) In vivo language interventions: Unanticipated general effects. *Journal of Applied Behavior Analysis* 13: 407-32.
- Levickis, P., Reilly, S., Girolametto, L., Ukoumunne, O.C., & Wake, M. (2014) Maternal behaviors promoting language acquisition in slow-to-talk toddlers: prospective community-based study. *Journal of Developmental and Behavioral Pediatrics*, 35, 274-281.
- Vilaseca, R. & Del Rio, M. J. (2004). Language acquisition by children with Down Síndrome: A naturalistic approach to assisting language acquisition. *Child Language Teaching and Therapy*, 20.
- Warren, S. F. & Kaiser, A. P. (1986). Incidental Language Teaching. *Journal of Speech and Hearing Disorders*. Vol. 51, 291-299. doi:10.1044/jshd.5104.291